

afundado querido.
Apesar de estar inmensamente causada, não posso deixar de
te escrever hoje. Sinto uma vontade enorme de falar contigo,
e como o único meio é escrever, escrevo.

Trabalhei muito no escritório porque um dos empregados foi-se
embora e como não compreendia, o serviço deixou. Ao chegar a casa
tive que encerrar o meu quarto e lavar o mobiliário que está
fritada de muito calor e por isso sujou-se imenso. Tive que
fingir que isto não me custava nada, e que não estava nem
um pouco fatigada, mas foi um sacrifício tão grande. O
pai agora está cá em casa, e como os gastos aumentaram,
não podemos ter a mulher a dias uma vez por semana, como
costumávamos. Custa-me que tenha de se arrumar, por causa
de dicção, mas compreendes que mais uma pessoa tanto
tempo em casa não poderia.

Quero se algum dia será possível que a vida mude, mas não
vejo bem como. No entanto, como sou optimista, penso nessa mesma
possibilidade.

Eu queria dizer-te uma coisa, mas não sei como te explicar.
Quando te escrevi e te falei no que dava em casa, não queria
de maneira nenhuma que pensasses no que depois me dirias,
sobre qualquer coisa como não me poder ajudar. Senti uma
dor imensa por ver que tu entendes de maneira diferente
aquilo que eu escrevi. Perdoa-me. Eu não quis referir-te a
da indirectamente.

Vem-me afligido muito isso, e hoje, tanto que confessar não
podia deixar passar o dia sem te escrever e falar-te sobre isto.
São coisas que todos um pensamento dessas a meu

01.199
desfeito, querido. Eu sou enérgica e hei-de sempre trabalhar,
tanto quanto poder, até porque não quero que furem
um triste dia em que eu fico só, porque a via, coitadinha, não
viverei eternamente e eu nunca hei de viver com a minha irmã
e o meu cunhado, por muito amiga que seja deles. Então perdoar
lá?

Sei a tua carta e alegrou-me que me teres compreendido.
Nunca escrevi, nem falei assim a ninguém; tinha medo que não
me entendesses e deves, até, a tua carta. Gria que me
imaginavas uma rapariga anormal, o que acabaria mais ou menos
justificável, talvez, dado o eu não crer em Deus e não ter,
a não ser, portanto, religião.

Alegrou-me tanto a tua carta, que não posso sequer imaginar o
estado enfático que os meus falantes amigos e compreensivos, po-
deriam me fazer. Por vezes julgo-me terrivelmente mal e como
ninguém me conhece de verdade interiormente, impeli-me
fodia dizer o contrário. Tu achas que era humano o que eu te
contava, e não me censuraste, o que eu tinha tanto medo. Gostava
de poder falar contigo, porque escrever é um embaraço.
Dir-te-ia muitas coisas, que não se podem escrever, medo en-
tão se fizessem.

Continuo a minha rotina esdrúxula, cada vez com mais trabalho
e sem aumento de ordenado. Ou por outra. Ordenado aumen-
ta muito, se... já vês a categoria do homem. Por vezes sinto
um complexo de culpa, mas outras vezes acho que não
é possível que a minha maneira de ser, ou as minhas atitudes
se prestem a equívocos. Como todas as mulheres gos-
to de ser admirada e às vezes provooco essa admiração
cã. Vou cuidar-te uma coisa que fiz com a

consciência de que estava a proceder mal. O contrário é o
meu castigo, porque vou meditar uma censura da sua fan-
ta, o que me custa muito.

Uma tarde depois, logo depois de almoço, acabei umas circulares
que tinham que ir para o correio. Sentei-me numa secretária
que estava desocupada, no momento, para a mesma coisa correspon-
dência. Da secretária dele ia-se para lá, porque a porta da ga-
briete onde ele e eu estamos, estava aberta. Sentei-me de
lado, e tracei os fechos de maneira a que ele as visse bem,
para logo de escrever ^{para o meu, para o meu} e é inútil, quase, dizer-lhe que passar
a tarde toda à minha volta. Fiz muito mal, fica quere-
da, eu sei. Fui terrivelmente provocante. Ganga-te comigo,
diz-me o que de mais desagradável passares, já que não me po-
des dar um acerto, por estares muito longe. Sou prometido de-
clarar de ser uma menina mal educada e uma mais fazer
muito de semelhante. O tu reconciliares-te comigo?

Ontem pedi a tarde e fui ao Porto. Jantei em casa da tia
af. Felicia e só vim ao correio.
Penso que me perdoem a doutrina asueira que fiz e que
sou culpado.

Não sei se já te tinha dito que havia um moço que gosta de mim
e quer casar comigo. É imensamente rico e tem estado em de-
gradação. A tia Felicia e a minha irmã acham que enfaco muito mal
em não querer casar, mas eu por mais boa vontade que tenha,
não consigo gostar dele. Nunca lhe disse definitivamente que não e
acho a passar tempo a ver se posso, porque vejo que é um
disfarde não querer ajudar a gastar as massas a um
jovem com 39 anos e um "fencedes Benz" que me
encanta. Vou-me a contar de isto tudo, porque o encon-
trei no Porto, e adrebrá toda a tarde.

01.194

Foi-me levar a casa da tia, no carro e eu resolvi fazer
uma coisa, que na altura me pareceu que estava bem. Pensei
que se conseguisse beijá-lo era um passo para que também
conseguisse casar com ele. Bom não é muito difícil um
homem beijar-nos, fui-o levando a pensar isso, sem ele perceber,
com um ar absolutamente inocente que as mulheres são capa-
zes de arranjar. Quando o vi a fazer o cigarro, pensei que ia fa-
zer o supremo sacrifício e reuni toda a coragem que podia
arranjar. Isto foi à porta de casa e antes indirei-me dis-
cretamente como se abria a porta do carro. (Os homens são uns
fábrios) Digo-te que não consegui, não pude. Não de posso expli-
car a sensação, porque não és mulher e não compreendes,
mas senti que não era capaz e não o beijei.
Fiquei a pensar, então, que se não fui capaz de o beijar, muito
menos ~~se~~ sou capaz de dormir com ele. Bem cá arranja, e
tanto que te dizer que não.

Querido: eu tinha que explicar a alguém e só podia ser a ti.
Não me julgues mal, fêz-te, mas não crês que foi uma ma-
neira de saber se podia ou não casar com ele? Não dizer-me
que fiz muito mal, mas só que é justificável. Diz-me o que
pensas, mesmo que me custe muito sabê-lo. Em sua vida,
não sou? Eu quero fazer justificação para o que fiz, logo lá
muito no íntimo, dentro a consciência de que não procedi bem.
Aborreces-te muito com os minhas cartas? Nunca mais te
escreverei, ponto. Fiz isto porque dentro um feio expansivo é
um tormento, não poder dizer aquilo que penso e que
conto a alguém. Tu és meu amigo, o que não dá, de modo
de me julgar mal.

Mas quando me parece que procedemos miseravelmente, o contra, como agora faço, é uma expiação, que use a minha essa sensação de culpa, porque a fortillamos, com alguma. Não julgues, com isto, que sou uma irresponsável e que fujo às consequências dos meus actos. Por isso de facto que os julgues, e que sejas imparcial, por modo que me custe muito de depois. Mais uma vez te peço não deixar a escrever estas cartas macadoras, com assuntos que tu pensarás que não te dizem respeito e por isso mesmo te iracem.

Está cá um rapaz espanhol, que é pintor e um grande artista, segundo dizem, que me não está à altura de julgar. Tornámos nos muito amigos e passo grande parte dos meus fins de semana com ele, agora principalmente, que está a trabalhar para fazer uma exposição. Fomos os Belas-Artes em Paris e como podes ver, fizem falta uns francos estendendo. Compreenderás que em tempo feito grandes progressos e estou por isso imensamente contente. Preciso de me valorizar cada vez mais, para poder mudar de emprego, e ver se vou para um de facto bom. Falo e escrevo já tão bem que outro dia me aventurei a responder a um anúncio no Porto, que pedia uma correspondente bem habilitada. Por favoram 7 saforigos e eu fui a melhor classificada. O meu peso era principalmente para interpretar o que me alegrou ainda mais por ser um trabalho que me agradava. Estou à espera de uma resposta, porque só seria precisa no principio do ano. Ao mesmo tempo penso que não é possível ser para mim porque não tenho sorte nenhuma. Tratei de tudo absolutamente sózinha, porque o pai não ajuda nada. Não podes sequer imaginar a coragem que precisei para ir lá e quando me vi só, no meio de um formigueiro de

empregados e empregados, senti-me inmensamente segura e satisfeita. Tive que vencer o complexo, não sabia mais o quê. O senhor foi muito simpático comigo e saber, eu logo de principio tratei de ver o que ele sabia de negócios, antes de ele ver o que eu sabia. Vi que felizmente para mim tinha meus conhecimentos do que eu e por isso também menos possibilidades de mudar os meus erros. Depois disso senti-me absolutamente segura. Dê-me em ter possibilidades de ser uma boa empregada e ganhar do meu trabalho. Seria tão bom que esse emprego fosse para mim, a ganhar muito mais e ver-me livre desde então daqui.

Entristeceu-me muito, quando, o que tu dizeste o que eu disse de na tua carta acerca de estares em casa sem nada fazer. Não cabei nada para não afligir a tia Alda, mas a verdade não conseguia adormecer, a pensar em ti. Sabes que de dia tenho sempre coisas que me preocupam e a noite é preciso estar atenta. Mas à noite, quando estou deitada, os pensamentos nessa altura são exclusivamente meus e só assim posso ver aquilo que de verdade me diz respeito. Pensei muito no que me dizeste e tinha uma sensação de tristeza por ver que nada podia fazer e que estava tanto de fazer alguma coisa. Sou muito de ti, querido, não só por seres meu primo, mas também pelo que Deus veio fazer por mim, e para mim, agora, em especial. Entristeceu-me também os teus dotes bem de saúde e de todo o coração desejo que melhores. Recebemos um dia destes uma carta do teu pai e pareceu-me por uma coisa que ele dizia, que tu tinhas encontrado um trabalho. Não é verdade, pois não, foi? Deu feio de para não fazer.

Tinha mais coisas para te contar, mas não posso escrever mais. Estou com um sono imenso e principalmente

Causada. Tenho uma ferida num pé e ainda deixo que fazer
o curativo. Deixa a pé por algum tempo e não dá meio de se
curar, porque não posso ficar em casa. Além disso dor-me
muito e anda-me um bocadinho a andar.

O que me perguntas da correspondência entre os dois, digo-te
que eu e a casa não tenho descrição absoluta, pois agora não
se dá mais, como o é de facto, e não estou a dizer que eu não
tenha mais cartas. Brinde não me fizeram nenhuma
pergunta.

Já não escrevo hoje aos Pais. Desculpa-me muito deles e
beijos por mim.

Para ti, muito querido, um grande beijo da tua prima sem-
pre muito tua amiga

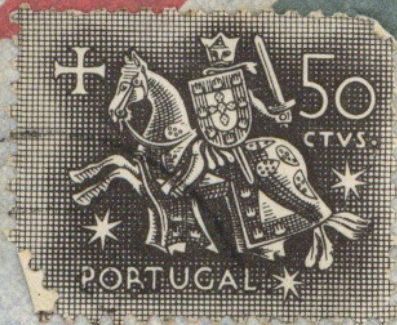
of. Maria Laura
29-10-58

01.194

380

381

382



49

381

382

383

68

388

300

388

300

388

81

01.194

380

381

381

382

383

383

João Manuel Cruzeiro Lima

Boixa Postal

~~890~~ 890

Zuanda

Bejola

EXTRA AVION VIA AEREA